

ROTEIRO
LITERÁRIO
do Funchal

funchal.pt
MUNICÍPIO

A vintage-style map of Funchal, Madeira, is the central focus. The map is rendered in a light, textured style with various labels in Portuguese. It is surrounded by scattered pink rose petals and pieces of aged, yellowed paper, some with faint handwriting. The overall aesthetic is nostalgic and artistic.

**ROTEIRO
LITERÁRIO**
do Funchal

funchal.pt
MUNICÍPIO

INTRODUÇÃO

ROTEIRO
LITERÁRIO
do Funchal

Uma das formas de usufruir simultaneamente da leitura e da viagem, duas das atividades mais agradáveis e significativas da vida, é através de um roteiro literário que permita a descoberta dos lugares habitados, frequentados e descritos por autores que marcaram a nossa cultura e literatura. Visitar uma cidade pode representar o avivar da memória de um livro ou de um escritor ou poeta, associar a atmosfera de um lugar ou de uma paisagem a uma leitura, reconstruir as vivências dos autores através do seu estilo de vida, do património habitado, dos espaços como cafés, teatros e outros ambientes públicos citadinos. O roteiro, no fundo, permite contar o território, valorizando o espaço como área de produção cultural aberta também a influências vindas de fora, e vice versa. No caso do Funchal, a troca entre perspetivas

de autores de diversas histórias, foi musa e proveniências é especialmente importante. Porto de passagem, lugar de destino, espaço de comércio, procura- do pelo clima ameno para a cura de doenças respiratórias, o Fun- chal é uma verdadeira “esquina do mundo”, como chamou Ferrei- ra de Castro ao Café Golden, onde todos se cruzam com todos. O território inspirou relatos, descrições e

histórias, foi musa e ofereceu-se a diversas interpretações. É obje- tivo deste Roteiro tam- bém dar a conhecer os autores da Madeira que contribuíram com a sua originalidade para a literatura re- gional e nacional. Fi- caram muitos de fora, à espera de um novo roteiro, o que prova a riqueza artística de uma cidade literária e culturalmente viva.



ÍNDICE

- 1. SÃO GONÇALO**
JOÃO DAVID PINTO CORREIA 10
- 2. LAZARETO**
HUMBERTO PASSOS FREITAS 14
- 3. ZONA VELHA**
ISABELA DE FRANÇA 18
- 4. ZONA VELHA (“A MURALHA”)**
MARIA AURORA 22
- 5. RUA DOS PROFETAS**
JOÃO FRANÇA 26
- 6. RUA LATINO COELHO**
FRANCISCO DE PAULA MEDINA
E VASCONCELOS 30
- 7. RUA DA INFÂNCIA**
ERNESTO LEAL 34
- 8. RUA DA ROCHINHA**
RICARDO NASCIMENTO JARDIM 38

9. CAMPO DA BARCA MARGARET EMILY SHORE	42
10. RUA DO CARMO JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	46
11. RUA DO BISPO EUGÊNIA DO REGO PEREIRA	50
12. RUA DO ESMERALDO JOÃO AUGUSTO DE ORNELAS	54
13. RUA DOS MURÇAS EDMUNDO BETTENCOURT	58
14. CAFÉ APOLO GRUPO DO CENTENÁRIO OU MESA DO CENTENÁRIO	62
15. GOLDEN GATE FERREIRA DE CASTRO	66
16. CAFÉ-CONCERTO RITZ TERTÚLIA RITZIANA	70
17. PALÁCIO DE SÃO LOURENÇO VITORINO NEMÉSIO	74
18. FORTE DE SÃO JOSÉ ANTÓNIO DE CARVALHAL ESMERALDO, “AÓNIO”	78

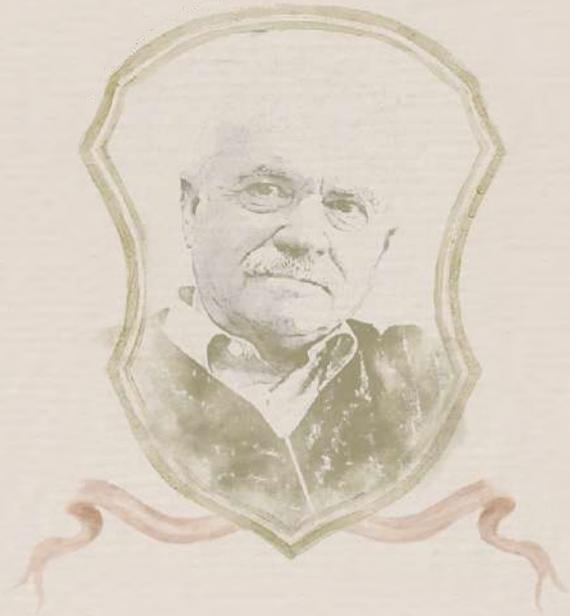
19. TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS BALTAZAR DIAS	82
20. AVENIDA ARRIAGA ANA MARGARIDA FALCÃO	86
21. JARDIM MUNICIPAL JOHN BARROW	90
22. RUA DA CARREIRA (LARGO DE SÃO PAULO) HERBERTO HÉLDER	94
23. RUA DA MOURARIA MARIA CELINA, MARIA DAS DORES E MATILDE SAUVAYRE DA CÂMARA	98
24. MUSEU DE FOTOGRAFIA DA MADEIRA JOSÉ ANTÓNIO GONÇALVES	102
25. LARGO DO COLÉGIO HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA	106
26. RUA DAS MERCÊS ALFREDO DE FREITAS BRANCO	110
27. RUA DAS MERCÊS ANTÓNIO VELOSO DE LIRA	114

28. CALÇADA DE SANTA CLARA JOÃO DOS REIS GOMES	118
29. CALÇADA DE SANTA CLARA (ALTO DA) ELLEN MARIA TAYLOR	122
30. RUA DO TORREÃO MARIA DO CARMO RODRIGUES	126
31. RUA DO VALE FORMOSO HELENA MARQUES	130
32. QUINTA DO VALE FORMOSO ANNA BRASSEY	134
33. QUINTA PALMEIRA MARIA LAMAS	138
34. QUINTA DO MONTE AGUSTINA BESSA-LUÍS	142
35. TERREIRO DA LUTA CARLOS MARTINS	146
36. QUINTA DE SÃO ROQUE LUZIA	150
37. TRAPICHE ANTÓNIO NOBRE	154

38. PICO DOS BARCELOS RAÚL BRANDÃO	158
39. BAIRRO DA NAZARÉ JOHN DRIVER	162



1. SÃO GONÇALO



JOÃO DAVID PINTO CORREIA

(1939 - 2018)

BIOGRAFIA

Natural de S. Gonçalo, João David Pinto Correia dedicou-se, sobretudo, à Literatura Oral e Tradicional, ainda que fosse igualmente especialista em Fernão Mendes Pinto e Padre Manuel Bernardes.

e ainda *Sugestões para Análise Literária*. Dirigiu a *Revista Lusitana – Nova Série* e o Centro de Tradições Populares Portuguesas onde concretizou o Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional.

Licenciado em Filologia Românica e doutorado em Literatura Portuguesa, deixou obra científica de referência, da qual se destacam o *Romanceiro Oral da Tradição Portuguesa*, *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa* e ainda *Sugestões para Análise Literária*. Dirigiu a *Revista Lusitana – Nova Série* e o Centro de Tradições Populares Portuguesas onde concretizou o Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional.

A vida de académico fê-lo desempenhar, entre outros, o cargo de Presidente da Comissão Instaladora da Universidade da Madeira. David Pinto Correia foi, também, poeta, tendo publicado *Onze mais um Poemas e Lugares*.



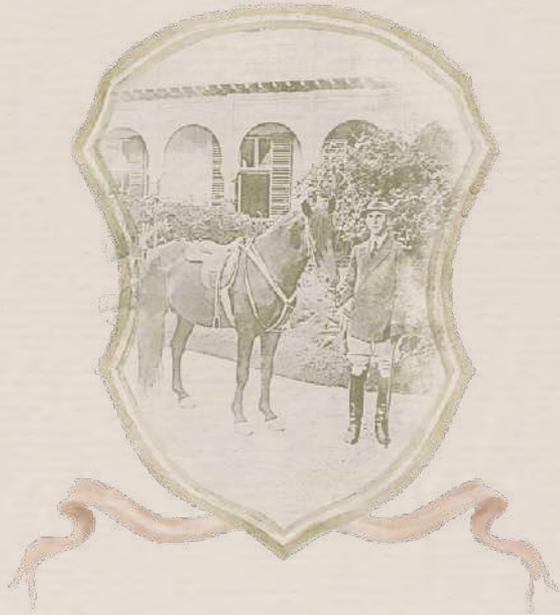
CITAÇÃO

“
*Se bem procuro no
 arquivo da vasta galeria
 de vivência, encontro-me
 num casarão, numa
 “fazenda”, rodeado de
 muita gente, animais e
 plantas, não longe da
 cidade do Funchal – ela
 ali estava em frente dos
 olhos, com as suas curvas
 mais afastadas, que iam do
 Pico dos Barcelos ao Pico
 da Cruz, descendo depois
 por detrás do muito visível
 Reid’s, e mais perto a
 Pontinha, na sua primeira
 fase acrescentada*

*ao molhe, e, bem
 recortado, também o
 Cais – e, ocupando o
 espaço visual, o vasto
 e azulíssimo mar mais
 alargado. Se os meus
 ascendentes eram de
 outras partes da ilha,
 deixando-me a simbiose
 do mais perto da cidade,
 S. Martinho, e do
 mais afastado e rural,
 Santana, eu tive a grande
 felicidade de nascer e
 viver, durante catorze
 anos, em S. Gonçalo, e
 depois ainda mais
 alguns nos arredores
 da cidade.*”

*(descrição da vista do Funchal
 a partir de São Gonçalo)*

2. LAZARETO



HUMBERTO PASSOS FREITAS

(1893 - 1926)

BIOGRAFIA

Conhecido como explorador, viajante e desportista, era uma figura muito envolvida na vida social do seu tempo. Um dos fundadores do Club Sports Madeira e do Clube Desportivo Nacional, esteve também em rinos alemães ao Funchal e planeou e ajudou a fuga para as Canárias dos monárquicos detidos no Lazareto pela sua participação na Revolta do Monsanto. Exilado pela sua contribuição para a causa monárquica, viaja ligado ao Marítimo e à direção que fundou a Associação de Futebol da Madeira. Grande velejador, vencedor da prova do Gran Canaria Royal Yacht Club (1919), colocou à disposição o seu veleiro para ajudar os feridos aquando do bombardeamento dos subma-

rinos alemães ao Funchal e planeou e ajudou a fuga para as Canárias dos monárquicos detidos no Lazareto pela sua participação na Revolta do Monsanto. Exilado pela sua contribuição para a causa monárquica, viaja pela Europa, tendo publicado em 1922, em Bucareste, o volume *Birds observed by Passos - Freitas Ornithological Expedition to the Delta of the Danube April - May 1922*. Membro de diversas instituições científicas e reconhecido pelas expedições que fez em

várias áreas do globo a bordo dos seus iates, foi Sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, Fellow da Royal Geographical Society, Membro da Natural Geographic Society of U.S.A e Membro Correspondente da Real Sociedade Romena de Geografia. *Vinte e Um Dias de Bote* conta-nos a viagem que faz entre a Madeira, Desertas e Porto Santo, revelando o cuidado do cientista, a curiosidade do viajante e o homem que apreciava intensamente o mundo e o convívio com as pessoas.



CITAÇÕES

“ Às 2.50 a. m. descíamos, minha mulher e eu, a calçada da Vila Passos: ela carregava dois livros com diversos discos de gramofone, eu um gramofone “Decca”, especial para bordo, e um cesto com várias bugigangas... um peso muito regular. ”

“ Lazareto Gonçalo Aires!
 Que recordações tenbo tuas!
 Primeiro, quando da Grande Guerra, abandonei as funções de Agente Consular dos Estados Unidos da América do Norte para envergar a farda simples mas honrada de soldado da minha querida Pátria e ali obtive a instrução militar; segundo, quando numa noite muito escura fui ali buscar para conduzir a Canárias, a bordo do yachtsito *Glafiberta*, meia dúzia de valentes, vencidos de Monsanto, que pela sua Pátria; seu Ideal e seu Rei se bateram contra a República na célebre Revolução de Lisboa e Porto em 1918. ”

Vinte e um dias de bote, org. e estudos Ana Cristina Trindade, Carlos Barradas e Luisa Paolinelli, Viseu, Ed. Esgotadas, 2021.

3. ZONA VELHA

BIOGRAFIA

ISABELA
DE FRANÇA

(1795 - 1880)

Isabela de França (Hurston, de seu nome de solteira) nasceu em Londres em 1795, sendo filha de um arquiteto bem posicionado na sociedade inglesa, à qual a jovem teve acesso e com a qual privou. Foi esmeradamente educada e, numa idade já tardia – 58 anos, veio a casar-se com José Henrique de França, morgado madeirense com várias propriedades na Madeira e herdeiro de um abastado comerciante da Madeira instalado em Liverpool.

Logo depois do ca-

samento, ocorrido em 1852, o morgado deslocou-se à Ilha a fim de tratar de assuntos relativos às suas propriedades, e aproveitando esta viagem que lhes servia de lua-de-mel, Isabela, que o acompanhou, usou a estadia naquela que era para ela uma terra estranha para registar cuidadosamente, quer por escrito, quer em imagem, todas as impressões que foi recolhendo.

Senhora de uma prosa desenvolta e pitoresca, Isabela descreve os passos da viagem, des-

de que embarcou em Inglaterra até à permanência na Madeira e ao posterior regresso. O que deixou para a posteridade veio a tornar-se o melhor registo da Ilha – os seus costumes, sociedade, paisagem, arquitetura, alimentação, práticas religiosas – que hoje existe, já que documenta a vivência regional em meados do século XIX.

O livro que daqui resultou, e que se intitula *Jornal de uma viagem à Madeira e a Portugal, 1853-1854*, foi igualmente ilustrado pela autora e divide-se em vários capítulos dedicados à deslocação propriamente dita, um

relato de uma visita à Calheta, onde ficavam as propriedades de José de França, uma narrativa do quotidiano no centro do Funchal, uma excursão ao Curral das Freiras e, finalmente, uma ida à Camacha que se complementa com uma visita a Maria Clementina, *the beautiful nun of Madeira*. O manuscrito do *Diário* foi adquirido em Londres, por volta de 1930, e tendo passado para as mãos do Dr. Frederico de Freitas, foi depois traduzido e anotado por João Cabral do Nascimento e João dos Santos Simões, e publicado em 1967. A sua obra fornece por-

menores únicos sobre Zona Velha descreve a Ilha e em particular assim: sobre o Funchal cuja



CITAÇÃO

“
Para lá das ribeiras, a nascente, ficava outrora uma zona respeitável da cidade, como ainda se pode inferir do que resta das belas casas ali edificadas, mas nos últimos anos vem sendo abandonada às classes mais baixas e transformada em verdadeira espelunca. Esse bairro cognominaram-no de "Brasil" no tempo da Independência deste país, por causa da antipatia dos seus moradores para com os soldados de Lisboa.
 ”

Jornal de uma viagem à Madeira e a Portugal, 1853-1854, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1970.

4. ZONA VELHA ("A MURALHA")



BIOGRAFIA



MARIA AURORA

(1937 - 2010)

Nascida em 1937, na vila do Sátão, Vi-seu, Maria Aurora Augusta Figueiredo Carvalho Homem começou a escrever para os jornais locais aos 15 anos. O seu percurso, caracterizado pela paixão da escrita, leva-a ao mundo da rádio, da televisão e do jornalismo. Depois do 25 de abril de 1974, vem para a Madeira com a família e à profissão de professora no Liceu une a escrita e a colaboração com a imprensa local. Sempre interessada e interventiva, conduz os programas “Atlântida” e “Ilha dos Amores”, na RTP Madeira, dando a conhecer as tradições e costumes madeirenses, e exerce assessoria nas Atividades Culturais da Câmara Municipal do Funchal. A partir do Teatro, coordena a Feira do Livro, tertúlias, recitais de poesia, colóquios e a revista *Margem*. Encontrava-se muitas vezes na Zona Velha da Cidade, igualmente frequentada por outros vultos de vanguarda das letras madeirenses, nos lugares onde se discutia literatura pela

noite dentro. Escreveu diversos livros de poesia, ficção, crónica e literatura infantil. Destacam-se *A Santa do Calhau: contos*, Lisboa, 1992 e *Para ouvir Albinoni*, Ponta Delgada, 1995. Recebeu a Medalha da Cidade do Funchal e foi agra-

ciada com o grau de Comendadora da Ordem do Infante Dom Henrique. Faleceu em 2010, no Funchal, tendo legado à Madeira uma longa história de dedicação e amor pelas artes e pela terra que escolheu para viver.



CITAÇÃO

“
*Estendendo os olhos pelos
 pequenos talhões de terra, retalhos
 de verde pela encosta acima,
 tinha a boca seca e o corpo dorido
 e sedento. Amarrado ao olhar
 ficara-lhe o negro da saudade, feita
 de dias suados e noites de solidão.
 Um olhar suspenso entre o verde*

*da montanha e o azul do mar.
 Na casa, meia de colmo,
 dividida a cimento, cruzavam-se
 os filhos entre a máquina de
 costura, o catre, o espaço
 negro onde quotidianamente
 cozia o milho, as sementes, por
 vezes a abóbora tenra e o feijão.
 Rosária sabia de cor os caminhos
 da serra; percorria-os desde
 menina, não na descoberta dos
 segredos dos ninhos, dos ventos;
 percorria-os desde menina, não na
 descoberta dos segredos dos ninhos,
 dos ventos parados, dos mistérios
 das feiticeiras e gigantes de
 histórias que nunca ouvira, mas
 na procura diária da lenha para
 acender o fogo.*”

“Choro na erva tenra” in *Narrativa literária de autores da Madeira do séc. XX*, org. Nelson Veríssimo, 1990, p. 193

5. RUA DOS PROFETAS

BIOGRAFIA



JOÃO
FRANÇA

(1908 - 1996)

Nascido no Funchal em 1908, João França fez os seus estudos na Ilha de onde só saiu em 1938, para se tornar jornalista em Lisboa, ainda que, enquanto residente na Madeira, tivesse já publicado em jornais diversos – *A Ilha, o Comércio do Funchal e Re-Nhau-Nhau*. A sua vida profissional foi sempre ligada ao jornalismo, mas nem por isso deixou de cultivar outros géneros, como o conto e o romance, no qual se destacou na ficção histórica ambientada na Madeira.

João França é autor de *A Ilha e o Tempo* e *António e Isabel do Arco da Calheta*, duas obras baseadas em episódios da história insular, cronologicamente situados no período do povoamento da Madeira. Na primeira, aborda a época de cultivo intensivo de cana-de-açúcar, a escravatura e outros problemas com que se

deparou uma comunidade em construção. Na segunda, o foco é posto na relação amorosa entre António Gonçalves e Isabel de Abreu, membros da fidalguia insular cujos amores eram contrariados pelas normas sociais em vigor que ditavam relações mais movidas por interesses económicos que pelos sentimentos dos indivíduos envolvidos.

João França publicou também a opereta *O Zé do Telhado*, estreada no Teatro Avenida em 1944, o *Romance de uma Corista*, em 1956, logo seguido de *Histórias Cínicas*, em 1958. Na área do conto surgiu,

em 1953, a obra *Ribeira Brava*, prefaciada por Aquilino Ribeiro, com quem estabelecera uma relação de proximidade enquanto jornalista de *O Século*, e ainda outros livros de contos em que volta a aproximar-se dos temas históricos, como acontece em *A missa do Fidalgo* (1983) e *Aquele Campo de Funcho* (1993). Na sua obra dramática volta-se para as biografias, de que são exemplo *Baltazar Dias* (2003) e *Camões Pequeno* (2014), publicadas já depois da sua morte.



CITAÇÃO

“

Caminhavam para os lados do Nascente, com o Sol ainda matutino. Na ponte da ribeira, entre o largo do Pelourinho e a margem da Senhora do Calhau, Isabel voltou-se, no intuito de apressar a moura. Só então reparou no seu enamorado. Fingiu não vê-lo e andou mais apressadamente. Era um agitar de formas roliças, rápido e esforçado. Pequeninina e graciosa no saracotear da fatura de saias, fazia lembrar a Pedro Rui uma rola assustada, esquecida das asas.”

A ilha e o Tempo, Funchal, Eco do Funchal, 1972.

6. RUA LATINO COELHO

FRANCISCO
DE PAULA MEDINA
E VASCONCELOS

(1768 - 1824)

BIOGRAFIA

O autor de *Poesias Líricas* (1797), *Zargueida* (1806), *Memorial Métrico* (1806) e *Georgeida* (1819), nasceu na freguesia da Sé a 20 Novembro de 1768, filho de Teodoro Félix de Medina Vasconcelos e de D. Ana Joaquina Rosa de Vasconcelos. Quando estudante da Universidade de Coimbra, foi expulso pelas suas atividades políticas e revolucionárias, tendo sido preso em 1790.

Regressou ao Funchal em 1792, vindo a residir na rua Nova,

épico que celebra os e motivos ligados ao
homens e a nova, fér- deslumbramento que
til terra, fazendo uso a natureza da Madeira
de muitos dos temas provoca nos homens.



CITAÇÃO

“

*Descobre Zargo um vale
ameno e fundo,*

*Por onde três ribeiras
serpejavam,*

D'arvoredos despido e só fecundo

*Em funchos, que ali fertéis
abundavam:*

Os bábitos fragrantés do jucundo

*Funchoso vale os ares
perfumavam;*

*Montes em meio círculo
frondosos*

Lbe serviam de guarda numerosos.

*Deu Zargo ao vale do Funchal
o nome*

E num lado daquele porto amigo

Porque de noite então descanso tome,

*De dois grandes ilhéus
buscou o abrigo:*

Ali a noite plácido consome,

Sem desgosto, sem susto, sem perigo,

*E quando apenas vinha
amanhecendo,*

*Já novos mares Zargo
ia fendendo. ”*

*Zargucida, canto X,
estrofes XXX-XXXI.*

7. RUA DA INFÂNCIA



ERNESTO LEAL

(1913 - 2005)

BIOGRAFIA

Escritor, dramaturgo e tradutor, natural do Funchal, onde nasceu na Rua da Infância, em 1913, aos onze anos vai para Lisboa frequentar o Colégio Militar, com o intuito de seguir os passos da carreira do pai, o Coronel Jaime M. Ferreira Leal. Dos anos da infância, ficaram-lhe impressos na mente o bombardeamento da cidade pelo submarino alemão, de manhã cedo, quando ainda estava escuro, e o momento em que o pai desceu as escadas para se unir às frentes de guerra na França. Terminou o curso na Escola de Infantaria em 1937 e serviu como oficial em Elvas, Beja, Braga, Lisboa, Macau e Índia, o que lhe permitiu a visão ampla das culturas e dos homens que caracteriza a sua obra. Em 1955, passa à reserva como major. Trabalha depois em vários lugares, da TWA à Embaixada dos Estados Unidos. O gosto pela escrita leva-o a colaborar em diversos jornais, como o *Comércio do Fun-*

chal, A Luta e Jornal da Madeira. Em 1959, com o livro de contos *A Velha e o Barco*, ganha o prestigioso prêmio Ática. Destaca-se a publicação, em 1964, de *O Homem que Comia Névoa* e, em 1970, da peça *Afonso III*. David Mourão Ferreira considerava-o um dos mais honestos prosadores dos nossos dias. Ernesto Leal afirmou



CITAÇÃO

“*E então eu vivia com a família numa casa na Ilba da Madeira, com bananeiras num terreno circundante fofo, bela*

terra castanha húmida, [...] e com papaieiras, e mangueiras; quer dizer, vivíamos tu cá tu lá com araçaleiros e goiabeiras; tudo engrinaldado de amarelos, lilazes e verde-negros; e com perfumes que, mais tarde, ao longo da vida, [...] compreendi serem odores ilbéus raros, ricos, aprimorados. Em todo o redor, o mar eterno da Ilba temperava tudo: azul e levinho ou cinzento e pesadão, punha finalmente a pitada de sal. Nunca ninguém teve mocidade mais cheia do que eu, que por nascer na Ilba fiquei milionário e príncipe.”

“Tio, Ilba, Anonas e Estrelas” in *Tio, Ilba, Anonas e Estrelas*, sel., org. textos e prefácio António Fournier, Funchal, Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, 2008, p. 127.

8. RUA DA ROCHINHA



RICARDO NASCIMENTO JARDIM

(1906 - 1990)



BIOGRAFIA

Filho do também escritor Alberto Figueira Jardim, nasceu na Quinta das Tílias, no Monte, em 1906. Educado em Inglaterra, obteve o diploma de tradutor público das línguas francesa e inglesa e trabalhou como chefe de escritório na Madeira Wine Association. Como escritor, usava, por vezes, o pseudónimo de Ricardo de Pontever, com que assinou “Fala um Acarlão (Crónicas Ligeiras)”, publicadas na *Revista Portuguesa*, editadas em livro em 1942. Recebeu o 2.º prémio pelo conto nos Jogos Florais da Madeira, promovidos pelo Ateneu Comercial do Funchal, em 1945-46. Colaborou em jornais e revistas, como *Voz da Madeira* e *O Jornal*. Escreveu *Ponte sobre o Rio. Contos e Novelas* (1942), *Sino Rachado* (1953) e diversos contos que publicou no *Voz da Madeira*. O seu mais conhecido romance histórico, *Saias de Balão* (1946), foi adaptado

ao teatro em 2014 pelo par. Morou na Quinta MADS, com encenação da Mãe dos Homens, nº 11. ção de Eduardo Gas-



CITAÇÃO

“
Passada a rua do Carmo, depois o Campo do Conde da Barca, mais conhecido por Campo da Barca, Aníbal principiou a subir o Caminho da Rochinha. Nesta ladeira estreita, sem iluminação, apenas se podia contar, em noites escuras, com a claridade mortiça que vinha dum ou doutra janela.

Luís da Cunha aproveitou o conselho do Dr. António da Luz Pita: – Fuja para a quinta da Choupana; lá, estará melhor.

A casa de campo, pequena, velha, isolada a meio de um denso arvoredo, era inadequada para uma família numerosa, mas cada um tinha de acomodar-se como pudesse! À pressa consertadas as tábuas do soalho e caiadas as paredes, para lá partiram todos numa radiosa manhã.

Lembrava uma caravana aquele grupo que subia lentamente Caminho do Meio fora: à frente, Luís da Cunha, sisudo, de chapéu de abas largas, calças enxadrezadas, botas de cano alto, montado no seu cavalo castanho; logo atrás, Ana da Cunha com as filhas, num carro de bois onde mal cabiam, devido aos numerosos pacotes. ”

Saias de Balão, Funchal, Eco do Funchal, 1946, p. 17 e 38-39.

9. CAMPO DA BARCA



MARGARET
EMILY SHORE

(1819 - 1839)

BIOGRAFIA

Nascida no dia de natal de 1819, em Suffolk, era a mais velha de cinco irmãos. Manteve um diário desde os onze anos de idade até à sua morte por tuberculose, na Madeira, para onde se deslocou na esperança de encontrar um clima mais favorável. O seu *Journal*, como lhe chama, não se caracteriza apenas por uma escrita de tipo confessional, mas reporta os seus pensamentos sobre variados temas e assuntos. A parte final do texto contém uma importante descrição da vida no Funchal da época. As irmãs, Louisa e Arabella, publicaram em 1891, cerca de 50 anos após a sua morte, excertos do seu *Journal* a que se seguiu uma segunda edição em 1898. Em 1991, descobriu-se que Arabella deixou ao British Museum dois dos *journals* da irmã, mas que acabaram por não ser entregues e ficaram na América. Estes textos permitiram verificar que as duas irmãs con-

verteram a autobiografia original numa biografia vitoriana, tendo censurado alguns dos seus pensamentos originais.



CITAÇÃO

“
Fomos por outro caminho diferente, atravessando o ribeiro por uma ponte um pouco acima da Rua das Portas Novas. [...] Continuando o nosso caminho, chegámos à pensão do Sr. Holloway, que está num local encantador. A entrada é feita por um passeio pavimentado inteiramente ladeado por altas sebes de rosas luxuriantes, o portão estava aberto e não resistimos à tentação de caminhar um pouco. O dono da pensão, um português, que fala inglês, ao ver-nos recuar quando apareceu,

seguiu-nos e muito educadamente convidou-nos para o seu jardim. Subimos até a porta da casa por um lance de degraus bastante coberto de trepadeiras, que conduziam a uma área aberta de pedra antes da porta, gradeada e contígua a um pequeno jardim elevado cheio de flores. A casa tem uma vista deliciosa para o mar. Treliças cobertas com trepadeiras, abóboras, rosas e jasmim branco; arbustos de hibisco cobertos com flores vermelhas; e sebes completas de heliotrópio de seis ou sete pés de altura; com bananeiras, laranjeiras e canas-de-açúcar, cobrindo o terreno baldio além; combinados para formar a habitual aparência estrangeira apresentada pelas casas do Funchal.”

Journal of Emily Shore, Londres, K. Paul, Trench, Trubner, & Co., Ltd., 1839.

10. RUA DO CARMO

BIOGRAFIA



JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO

(1897 - 1978)

Cabral do Nascimento foi escritor, poeta, tradutor, historiador, genealogista, crítico literário, membro de tertúlias e grupos de intelectuais. A ligação às questões culturais é uma marca da sua vida, concretizada em iniciativas diversas, entre as quais se destaca a da fundação e direção do Arquivo Regional da Madeira que, sob a sua tutela, iniciou a publicação da revista do *Arquivo Histórico da Madeira*,

A sua vasta obra no campo da história da Madeira levou-o ainda a colaborar num outro periódico, a revista *Das Artes e da História da Madeira*.

Colaborou na revista coimbrã *Ícaro* e foi responsável pelos *Poemas Narrativos Portugueses* e pela coletânea *Versos Portugueses*. Em Lisboa, para onde se mudou em 1937, conviveu com a fina-flor das artes e literatura portuguesas, estando ligado a nomes como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Abel Manta, David Mourão-Ferreira, Vitori-

no Nemésio, Jorge de Sena ou Júlio Dantas, entre muitos outros, com os quais se reunia e trocava experiências. O lema dos *Cadernos de Poesia*, “A poesia é só uma”, é da sua autoria. Estreou-se na poesia em 1916 com os sonetinhos *As Três*

Princesas Mortas Num Palácio em Ruínas, que levou Pessoa a considerá-lo um poeta "Digno de Orpheu". Seguem-se-lhe *Além-Mar, Litoral e Cancioneiro*, obra distinguida com o Prémio Antero de Quental.



CITAÇÕES

“
E a vida é feita de isso
Que vem e vai ...

Pobres fragmentos imortais que
o mar lançou à praia!

Luz que na treva se dilui,
voz no silêncio parada ...

Côr, que a distância esfuma ...

*Despojos, sombras.
Pó de coisa alguma,
Restos de quási nada!*

”

*Atlântico, Revista Luso - Brasileira, 1ª Série, nº 2,
Edição do Secretariado da Propaganda Nacional,
Lisboa e do Departamento de Imprensa
e Propaganda, 1942.*

“
Que seria do ambiente da cidade se
um dia as quintas desaparecessem e nos
espaços devastados, onde elas deram a nota
repousante da sua graça, se erguessem
blocos e blocos de construções maciças?
Que seria do Funchal se para sempre
se dissipassem essas manchas de sombra
verde, salpicadas aqui e ali do lacre das
begónias, do riso das buganvílias, da
frescura das hidrângeas?

”

*"As quintas, fulcro da paisagem" in Panorama,
n.º 9, II Série, 1054.*

11. RUA DO BISPO



EUGÉNIA DO REGO PEREIRA

(1877 - 1947)

BIOGRAFIA

Nascida na Ponta do Sol, em 1877, provinha de uma família na qual as letras tinham longa tradição. Depois de casar, passou a viver no Funchal, tendo tido dois filhos. A morte prematura do marido obrigou-a a ter uma atividade profissional, tornando-se professora de dança na sua casa à rua do Bispo n.º 34 e no Colégio Lisboense. Dedicou-se também à produção de textos dramáticos, a maioria dos quais representados no atual Teatro Municipal Baltazar Dias, ocupando-se do acompanhamento da cenografia e montagem das peças, tudo supervisionado cuidadosamente. Os seus espetáculos, estrelados por figuras da sociedade e por alguns dos seus alunos, gozavam de grande aceitação do público, sendo amplamente noticiados nos periódicos locais. Além da sua produção teatral, colaborava na imprensa, existindo textos seus publicados na *Ilustração Portuguesa* e no *Almanaque Bertrand*.

Morreu a 27 de agosto de 1947. O *Diário de Notícias*, no seu obituário, salientava a partida de “uma artista na verdadeira acepção da palavra, e uma Senhora como as que o sabem ser”. A Coleção Baltazar Dias editou, em 2020, uma antologia das suas obras.



CITAÇÃO

“

Aninhas

*Olha, sabes que mais?
Ê cá nam gosto de ver
uma pessoa se fazer munto
arrufiada. Nem por isso és
melhor ca mim, nem mais
que aquela Mariquinhas.*

*Tarrenego de gente
desconfiada!... Ê cá por mim,
nam tenbo nada cum isso. Se ê
diche foi por môde... Cala-te
boca..., (dirigindo-se a Manuel
Fernandes) Inté o ti Manel
tá espantado por vêde estas
coisas.*

Manuel Fernandes

*Túa espantado, túa, é bem
verdade, rapariga, mas é por
môde este magote de gente,
cuma ê nunca vi in dias da
minha vida.*

”

*Arraial Madeirense in Eugénia
Rego Pereira, Funchal, Imprensa
Académica, 2020, p. 180.*

12. RUA DO ESMERALDO



JOÃO AUGUSTO DE ORNELAS

(1833 - 1886)

BIOGRAFIA

João Augusto de Ornelas terá nascido no Estreito de Câmara de Lobos a 26 de Junho de 1833, filho de pais que permaneceram sempre em mistério. Jornalista, editor e escritor de mérito reconhecido, começou como aprendiz de tipógrafo, fundando, em 1857, o jornal *O Direito*, de grande crédito e longevidade, onde desenvolveu ampla atividade jornalística e defendeu com paixão e convicção os seus ideais políticos. Casou em 1866 com Adelaide Augusta da Silveira, filha do também jornalista José Marciano da Silveira, redator da *Voz do Povo*. Deixou vastíssima obra literária, em prosa e poesia, da qual se destaca *A Mão de Sangue*, com prefácio de Camilo Castelo Branco (Lisboa, 1874). Foi-lhe atribuído o grau de comendador da Ordem militar de N.^a Sr.^a da

Conceição de Vila Viçosa, foi Procurador à Junta Geral do Distrito, sócio fundador do Grémio Literário e Recreativo dos Artistas Funchalenses e da Associação de Beneficência do Funchal. Apoiou e fez parte da administração do Asilo da Mendicidade, onde faleceu a 11 de Julho de 1886.



CITAÇÃO

“ Os dois vultos, velados pelas longas capas, prosseguiram caminho até à rua do Esmeraldo, ao cimo da qual um deles, que denotava ser o amo, parou, trocando palavras com o outro, que parecia criado.

Este avançou em direção a uma casinha contígua àquela que, segundo a tradição, servira de morada ao famoso descobridor da América, Cristóvão Colombo. O homem parou, meditou alguns instantes e bateu à porta da pequena casa. Os moradores desta não pareciam estar submergidos no sono, apesar de serem tão altas horas da noite; estavam decerto acostumados a receber visitas a tais horas.

”

João Augusto de Ornelas, A Mão de Sangue, Lisboa, Typ. Universal, 1874.

13. RUA DOS MURÇAS

EDMUNDO
BETTENCOURT

(1899 - 1973)

BIOGRAFIA

Natural do Funchal, nasceu na rua dos Murças, na freguesia da Sé, revelando-se como poeta muito cedo através da publicação do seu primeiro poema no *Diário de Notícias* quando ainda era aluno do Liceu. Partiu aos 19 anos para Lisboa, onde frequentou a Faculdade de Direito, tendo, no entanto, mudado de curso para Coimbra. É tais, destacou-se como membro fundador da revista *Presença* (1927). Colaborou também noutras revistas que marcaram a cena cultural e literária da época, como *Bysâncio*, *Vértice*, *Ocidente* e *Sea-ra Nova*. Publicou em vida quatro livros de poesia, nos quais reuniu poemas de vários anos: *O Momento e a Legenda* (1917-1930); *Rede Invisível* (1930-1933), que Herberto Helder elogiou; *Poemas Surdos* (1934-1940) e *Ligação* (1936-1962).

Em 1963, publicou de Bettencourt”. Em na Portugália Editora Lisboa, fazia parte da a sua obra completa tertúlia “Clube dos ta, com um prefácio Poetas Imortais”, que polémico e histórico se reunia no café Res- de Herberto Helder tauração da Rua 1º de pela original leitura Dezembro e à qual da poesia portuque- pertencia também sa, “Relance sobre a Herberto Hélder. Poesia de Edmundo



CITAÇÃO

“
*A noite é cheia de vales
e baías.*

*E do meu peito aberto um rio
largo de sangue...*

[...]

*Águas em transparências
lucilantes, para cima,
e as estrelas do mar, um polvo
e um mefistófeles
ficam no ar sobre ilhéus e
lodosos calhaus
que se descobrem.*

Plantas brancas e extáticas...

*Lágrimas... nuvens... e a
cabeça, o perfil,
os olhos, todo o corpo da mulher
amada, a prostituta
antes de virgem, que é bela e
feia, velha e nova,
e não conhece os filhos!*

[...]

”

*Poemas, Portugália,
Lisboa, 1963.*

14. CAFÉ APOLO

GRUPO/MESA DO
CENTENÁRIO

(1911 - c.1950)

BIOGRAFIA

Mais conhecido por nomes importantes do ambiente cultural do arquipélago, como Adolfo de Figueiredo, Alfredo César de Oliveira, Adolfo de Noronha, João Francisco de Almada, Alfredo Miguéis, Elmano Vieira, os pintores e escultores Francisco e Henrique Franco, Francisco Bento de Gouveia e Jaime Câmara. O grupo reunia numa sala privada do Hotel Café Golden Gate, e, nos últimos anos do Cenáculo, a tertúlia, ainda presidida por João dos Reis Gomes, realizava-se, todas as tardes, no Café Apolo.



CITAÇÃO

“
 Era este cenáculo, o ninho de
 águia da paisagem intelectual
 da nossa ilha. Numa aresta
 dum alto rochedo, em sua volta,
 escancaravam-se inacessíveis
 abismos... Para além, no fundo dos
 vales, havia o sussurro das gentes
 na faina da vida do espírito. Às
 vezes, um mais nítido eco, elevava-se
 na bucólica quietude da paisagem.

De quem provinha ele? –
 Interrogava o major, a sondar da
 linha do horizonte.

– Talvez dum poeta... É um vagido
 dum parto trabalhoso... – respondia
 circunspeto o Oliveira.

– Não, Alfredo. [...] Há, realmente,

valores relativos nesta pequena
 terra. Escuta com atenção ouviste?

O padre Fernando, que estivera
 calado, escutando o diálogo,
 acrescenta então dogmático: tem
 realmente talento. Não é poeta,
 mas historiador. Tenta, agora, os
 primeiros passos na investigação da
 História da nossa ilha.

– Onde colabora? – Interroga
 Sarmento, sentindo-se chamado à
 conversa.

– No Diário de Notícias. –
 respondeu o Ciríaco de Brito
 Nóbrega, diretor deste periódico.

– Vocês não o leram?

”

Gabriel Brazão Vieira, “Página de
 memória: um grande vulto que a morte
 levou, João dos Reis Gomes” in *Das Artes
 e da História da Madeira, Funchal*,
 vol. I, fasc. 2, agosto 1950, p. 18.

15. GOLDEN GATE



FERREIRA DE CASTRO

(1898 - 1974)

BIOGRAFIA

Nasceu em 1898, em Oliveira de Azeméis, e faleceu no Porto, em 1974. Jornalista e escritor, recebeu o Golden Eagle Award no Festival do Livro de Nice. Publicou o seu primeiro romance, *Criminoso por Ambição*, aos 14 anos, quando trabalhava como emigrante no Brasil. Em 1917, funda o jornal *Portugal* e dedica-se ao jornalismo. Regressa ao país em 1919 e desenvolve a sua carreira como jornalista, tendo sido editor do *Século* e de *O Diabo*, contribuindo para diversas revistas. Em 1934, abandona o jornalismo em desacordo com a censura imposta pelo Estado Novo. Com os romances *Os Emigrantes* e *A Selva*, o autor conseguiu grande sucesso, tendo sido proposto, depois da publicação de *O Instinto Supremo*, como candidato ao Nobel com Jorge Amado pela União de Escritores Brasileiros. Depois da

morte da primeira mulher, a escritora Mimi Haas, o romancista recuperou na Madeira de uma grave depressão, tendo, nesse período,

escrito *Eternidade* (1933). Casou-se de novo, com a pintora Elena de la Pera, e continuou a dedicar-se à escrita.



CITAÇÃO

“ [...] aquele ângulo do Funchal era, entre as esquinas do Mundo, um dos mais dobrado, em todos os dias do ano, pelo espírito cosmopolita do século. Em peregrinação, de recreio ou em trânsito para África e Américas, davam volta

ao cunhal do Golden Gate, diariamente, homens e mulheres de quase todas as nações [...].

[...] quinze ou vinte quartos espreitando o mar, onde depois fora construído um hotel de muitos andares, ladeado, o primeiro, por longa varanda e fechado o último, por terraço tão amplo que nele se poderia jogar o ténis [...]. [sobre o Savoy]

[o Reid's] com as suas janelas e varandas iluminadas, que dir-se-ia um navio encalhado na terra alta [...]. ”

Eternidade, Ferreira de Castro, Lisboa, Guimarães Ed., 1933.

16. CAFÉ-CONCERTO RITZ

TERTÚLIA
RITZIANA

BIOGRAFIA

Na década de 50, no Funchal, constituiu-se a “tertúlia ritziana”, constituída pelos poetas e escritores Florival de Passos, Carlos Cristóvão, Rebelo de Quental, Rogério Correia e Silvestre Pereira, na qual também participavam Herberto Hélder, Jorge de Freitas e António Aragão. Alguns deles estavam ligados às atividades culturais promovidas pelo Ateneu Comercial do Funchal, que organizava jogos florais e conferências. Deste grupo de tertúlia nasce, em 1952, o volume coletivo *Arquipélago*, publicado no *Eco do Funchal*, dirigido por Maria Mendonça, em cujo texto de abertura se lê: «A MADEIRA FOI BERÇO DE TODOS NÓS; A POESIA, NUTRIX DE NÓS TODOS (...)». Em 1954, vem a público *Poemas Bestiais*, outra plaquette com textos

de Carlos Camacho, Herberto Helder e Jorge de Freitas. O *Arquipélago* deu lugar a uma polémica literária que se acenderá com a publicação de



CITAÇÃO

“
*A MADEIRA FOI BERÇO
 DE TODOS NÓS; A POESIA,
 NUTRIX DE NÓS TODOS.*

*IRMÃOS PELA MESMA
 CONDIÇÃO DE TERMOS
 NASCIDO AQUI, COLAÇOS
 PELO MESMO SEIO EM QUE
 ALIMENTÁMOS A ALMA,*

*QUIZ O ACASO QUE NOS
 ENCONTRÁSSEMOS E,
 CONFESSADOS CRENTES
 DA MESMA ERATA FÉ,
 NOSSAS MÃOS SE DESSEM
 NUM FRATERNAL ABRAÇO
 ESTREITO.*

*OUTROS MADEIRENSES
 CULTIVAM A POESIA,
 ISOLADOS COMO ILHAS
 - RENDEMOS-LHE,
 PUBLICAMENTE, AS
 NOSSAS HOMENAGENS.*

*NÓS, AGRUPADOS,
 FORMAMOS ESTE*

ARQUIPÉLAGO

”

*AAVV, Texto de abertura de Arquipélago,
 Funchal, Eco do Funchal, 1952.*

17. PALÁCIO DE
SÃO LOURENÇO

BIOGRAFIA

VITORINO
NEMÉSIO

(1901 - 1978)

Natural dos Açores, Vitorino Nemésio foi um escritor notável em vários géneros, bem como colaborador da RTP onde durante anos partilhou com o público o seu programa “Se bem me lembro”. Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, em 1931, nela se doutorou três anos depois, tornando-se docente e lecionando não só em Portugal, como também na Bélgica, em França e no Brasil. É autor de vasta obra, na qual se destacam a fundação e

direção da *Revista de Portugal*, bem como a colaboração na *Seara Nova*, *Vértice* e *Presença*, sendo também colaborador dos periódicos *O Diabo*, *Diário Popular* e *O Dia*.

Em poesia publicou, entre outros, o *Bicho Harmonioso*, *Eu, comovido a Oeste*, *Andamento Holandês e outros poemas*, e *Sapa-teia Açoriana*. Como romancista, escreveu *O Mistério do Paço do Milhafre*, *Varanda de Pilatos*, *Casa Feliz* e *Mau Tempo no Canal*, valendo-lhe este último trabalho o Prémio

Ricardo Malheiros da Academia de Ciências.

Em 1965, recebeu o Prémio Nacional de Literatura, em homenagem ao conjunto da sua produção, seguindo-se-lhe, em 1974, o Prémio Montaigne.



CITAÇÃO

“
Se o casario mudou, o traçado do Funchal mantém-se fundamentalmente como nas eras em que a terra era o nosso viveiro ultramarino: A velha fortaleza de São Lourenço ainda abriga o governo da ilha; só os engenhos de cana e as quintas foram baralhadados e dados ao sabor das jogadas do azar de cerca de meio milénio.

O Funchal, para sempre marcado por este vaivém de proas, conservou todavia a sua velha estrutura de tráfico e a

sua vizinhança patriarcal de cultivadores e burgueses. Apenas urbanisticamente cerrada no centro, em torno da velha Sé que estendia o seu pastoreio às florestas da Índia e do Brasil, a cidade estende-se pelas encostas como uma grande quinta salpicada de casas de regalo. A não ser os pobres carregadores e vilãozinhos que se abrigam nas casitas das Calçadas ou nos curtos telhados de pendor, todo o agenciário expedito e um pouco afortunado tem a sua vivenda sobranceira à baía e desafogada em seu quintal, que desborda para a íngreme ruela com trepadeiras multicolors, dá maracujás e bananas, tem legumes e a inevitável parreira carregada de cachos piramidais na sação.”

Vitorino Nemésio, O Corsário das Ilhas, Lisboa, Bertrand, 1956.

18. FORTE DE SÃO JOSÉ



“AÓNIO”, ANTÓNIO DE CARVALHAL ESMERALDO

(c.1662 - 1731)

BIOGRAFIA

Oriundo de uma das mais importantes famílias madeirenses, António de Carvalho Esmeraldo veio a destacar-se por duas razões: a primeira por, na qualidade de vereador da Câmara do Funchal, se ter incompatibilizado com o bispo, D. Manuel Coutinho, envolvendo-se num conflito tão grave que levou à sua prisão no forte de S. José, de onde só saiu para poder morrer em casa; a segunda, como poeta e autor de três livros de versos cujo paradeiro se desconhece. Dele restou, porém, um volume, a *Cítara de Aónio* (seu pseudónimo), cuidadosamente copiado pelo filho, frei Félix Lucas de Carvalho, que o classifica como “poema erótico dividido em seis descantes”. Foi amigo próximo do genealogista Henrique Henriques de Noronha, que lhe dedicou a sua

História da Diocese do Funchal, e a sua fama transcendeu os limites da ilha como atesta o comentário, feito obviamente por alguém de fora que considera que Aónio produziu com "elegância poe-

mas Heroicos, Elegíacos e Líricos que eram com louvor aprovados, não só pelos naturais, mas ainda pelos maiores Poetas Portugueses e Latinos que passavam desta corte para aquela ilha".



CITAÇÃO

“
Pois me encanto só de idolatrar-te,
Oh, Belisa, permite o querer-te,
Ou que não chegue, ao menos,
a ofender-te,
Pois que em nada hei podido
contentar-te.

*De que podes, por ora, recear-te?
E que posso eu fazer em pretender-te?
Temes que acaso venha a merecer-te;
Porque insisto, penoso, em
venerar-te?*

*Mas o muito que peno não engana,
Nada espero; bem que por ti padeço,
Pois certamente em nada eras
humana.*

*Não tem para alcançar-te as
penas preço,
Que como eras em tudo soberana,
Desvario é cuidar que te
mereço.*”

*Cithara de Aonio, Poema Erótico Dividido
em Seis Descantes, transc. Félix Lucas de
Carvalho Esmeraldo, 1700.*

19. TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS



BALTAZAR DIAS

(c.1500 - c.1550)

BIOGRAFIA

Baltasar Dias, tal como aparece nos textos da época, produziu uma obra eclética, com um corpus variado e consideravelmente extenso, tendo em conta que publicou num período curto de tempo, da década de 30 de 1500 (data de 1537 o alvará de privilégio do rei sobre a publicação das suas obras) a 1548, talvez data da sua morte, e que teve uma fortuna editorial que atravessou vários séculos. Com um público para os seus autos e trovas que encomendaria teatro e compraria os seus folhetos, Baltasar ou Baltazar Dias (optando pelo nome pelo qual ficou para a posteridade e que dá nome ao Teatro Municipal do Funchal) ficou conhecido como o poeta cego da Ilha, produzindo durante o

reinado de três reis que não poderiam ser mais diferentes: D.Manuel, D. João III e D. Sebastião. Foi o primeiro autor a pedir direitos de autor, concedidos por D. João III em 1937. A lembrança de Baltazar Dias parece ter sido mais afortunada no Brasil e em São Tomé e Príncipe e deveria, só por esse facto, ser mais estudada e acarinhada, já que constitui um elo importante na criação artística e no património cultural lusófono. Em São Tomé, o Tchiloli reinterpreta em chave sincrética a *Tragédia do Marquês de Mântua*, levando Baltazar Dias às ruas de África.



CITAÇÃO

“
Imperador - [...]

*nenhum Rei nem julgador
faz justiça do maior,
mas antes é desprezado
o pequeno com rigor.*

*Todo o Mundo é afeição
julgam com vara remissa
o poder que tem razão,
algum tem opinião
de lhe trocar a justiça.* ”

*Tragédia do Marquês de Mântua
in Baltazar Dias, coord. Ana Cristina
Trindade, José Eduardo Franco e Luísa
Antunes Paolinelli, Viseu, Edições
Esgotadas, 2018, p. 194.*

20. AVENIDA ARRIAGA



ANA MARGARIDA FALCÃO

(1949 - 2016)

BIOGRAFIA

Autora e docente universitária, Ana Margarida Simões Falcão Seixas nasceu no Funchal a 2 de janeiro de 1949. Doutorada em Teoria da Literatura, dedicou grande parte do seu trabalho como docente à Universidade da Madeira, tendo publicado nas áreas da Literatura Portuguesa e dos Estudos Interculturais. Colaborou com o Departamento de Cultura da Câmara do Funchal na organização da Feira do Livro e fez parte da revista *Islenha*. Participou, na RTP Madeira, em parceria com Maria Aurora, em diversos programas, como *Letra Dura e Arte Fina* (1993-1997) e *Madeira, Artes e Letras* (1998-2000), sendo responsável, na RDP Madeira, entre 2000 e 2003, por programas dedicados à literatura. Apaixonada

pela escrita, publicou o romance *Z de Zaccarias* (1991) e o livro *O Largo ou o Percurso de um Habitante: Conto(s)* (1995). Em 2017, em edição póstuma, que reuniu os seus textos curtos e a poesia, dis-

seminados em periódicos, antologias e catálogos, foi publicada a obra *Escritos Breves e Dispersos*, testemunhando a dedicação e a alegria que colocava nas suas produções.



CITAÇÃO

“

Quando eu era criança a atravessava o Jardim Municipal com o meu avô, [...] fazíamos sempre a mesma brincadeira: ele fingia desviar-se pelo caminho empedrado que se afastava

para a esquerda do lago, eu puxava-o para a direita e ele ria muito, [...] e lá íamos fingir que dávamos pão aos cisnes negros de bico laranja, antes de seguir ali mesmo pela Avenida Arriaga, atravessando mais à direita, a Praça da Restauração, mesmo em frente à esquina do café Golden Gate. O meu avô deixava-me aproximar do repuxo de água do chafariz circular de cantaria rugosa que centrava a praça e eu, criança, estendia as mãos ao alcance das gotas de água [...]. ”

“Golden Gate, Hotel & Café” in Escritos Breves e Dispersos, org, Nelson Veríssimo e Thierry Proença dos Santos, Funchal, Imprensa Académica, 2017, pp. 87-88.

21. JARDIM MUNICIPAL



BIOGRAFIA

JOHN
BARROW

(1764 - 1848)

Sir John Barrow nasceu em 1764 em Dragley Beck, no Noroeste da Inglaterra, e foi um matemático, viajante e escritor inglês. Aos dezasseis anos, experimentou a vida de marinheiro num balleiro e escreveu o seu primeiro diário de viagem. Viajou com Lord Macartney, aquando da primeira embaixada deste à China (1792-1794), como seu gestor e supervisor financeiro. As observações de Barrow foram registadas em livros como *Travels in China* (1804) e *A Voyage to Cochinchina* (1806), da qual consta uma interessante descrição da Capela dos Ossos do Convento de São Francisco, localizada no atual Jardim Municipal. Na segunda viagem, acompanhou Lord Macartney à África do Sul, país onde se instalou e sobre o qual escreveu. De volta à Grã-Bretanha, ficou ao serviço do Almirantado britânico

nico, escreveu sobre as explorações ao Ártico e foi-lhe atribuído o título de baronete no ano de 1835. Visitou a Madeira durante a sua viagem à Cochinchina e integrou no seu livro muitas ilustrações importantes, como, por exemplo, a do Sr. Daniell da Capela dos Ossos que viria a ser destruída.



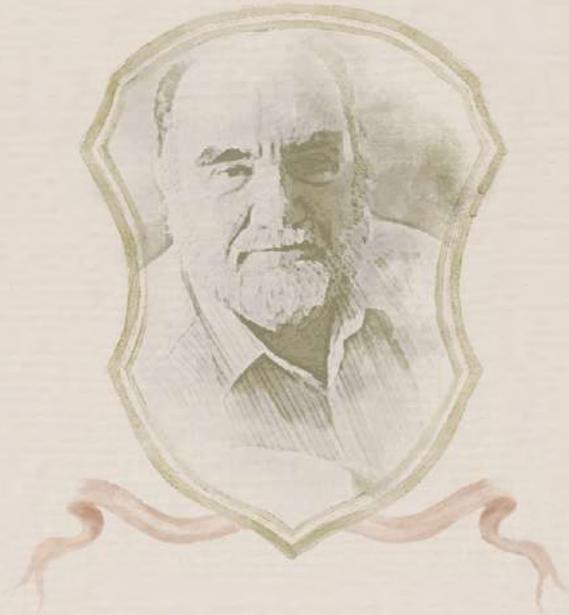
CITAÇÃO

“
 Outra curiosidade que existe na cidade é um aposento numa das alas do convento franciscano, cujas paredes e teto estão completamente forrados com filas de crânios humanos e fêmures humanos, dispostos de modo que no ângulo obtuso formado por cada par destes últimos,

cruzando-se obliquamente, está colocado um crânio. A única vaga está no centro do lado oposto à porta, sobre a qual há uma pintura extraordinária sobre uma espécie de altar, mas o que o tema pretende representar realmente não consigo perceber. Uma figura na imagem, provavelmente representando São Francisco, o santo padroeiro, parece estar a tentar ver numa balança o peso comparativo de um pecador e de um santo. ”

A voyage to Cochinchina in the years 1792 and 1793, London, Printed for T. Cadell and W. Davies in the Strand, 1806, pp. 7-8.

22. RUA DA CARREIRA
(LARGO DE SÃO PAULO)



HERBERTO
HÉLDER

(1930 - 2015)



BIOGRAFIA

Herberto Helder, considerado um dos maiores poetas portugueses, nasceu no Funchal, na rua da Carreira, perto do largo de São Paulo, em 1930. Transferiu-se jovem para o continente, onde frequentou, em Coimbra, a Faculdade de Letras. Não termina o curso e vai para Lisboa, onde exerce diversas profissões, como vendedor de espaços publicitários, delegado médico, bibliotecário itinerante, redator radiofónico, diretor editorial e editorialista na rádio e na imprensa. Viaja pela Europa, vivendo de trabalhos precários, pelos Estados Unidos e Angola, como correspondente de guerra. Nos anos 50, publica a sua primeira obra, *O Amor em Visita* (1958), e liga-se ao mundo

intelectual lisboeta. Participa na criação de revistas, como *Poesia Experimental* (1964 e 1966), com António Aragão, e *Nova* (1976). Traduz Hans Christian Andersen, Italo Calvino e Gine Victor Leclercq. Em 1968, sofre a censura com *Apresentação do Rosto*. A dado momento,

decide abandonar todas as atividades para viver no anonimato. Coerente com tal escolha, recusa em 1994 o prestigioso Prémio Pessoa. Faleceu em 2015, na sua casa em Cascais. Meses depois saiu o seu último livro, *Poemas Canhotos*.



CITAÇÃO

“
*É uma ilha em forma
 de cão sentado, com a
 cabeça inclinada para
 perscrutar o enigma da
 água. O cão tem as orelhas
 fitas porque, ao mesmo
 tempo que cheira e olha
 o mar, recebe notícias de
 vento . O cão está sentado
 no atlântico.*”

”

*“(Uma ilha em sketches)” in
 Photomaton & vox, 2.ª ed.,
 Lisboa, Assírio & Alvim.*

1987, p. 13.

23. RUA DA MOURARIA



MARIA CELINA,
MARIA DAS DORES &
MATILDE SAUVAYRE
DA CÂMARA



BIOGRAFIA

Netas da escritora em 1899, *De Nápoles a Jerusalém: Diário de Viagem*, relato das lembranças e impressões de uma longa viagem que a tinha levado ao Médio Oriente. Em estilo vivo, atenta ao pormenor e à diferença, a autora abre ao leitor um mundo de culturas diferentes, promovendo a viagem como conhecimento do mundo. Impressio-

Isabel de Santana e V. M. de Bettencourt, a conhecida Viscondessa das Nogueiras, e sobrinhas-netas da romancista Maria do Monte, as irmãs Sauvayre da Câmara – Maria Celina, Maria das Dores e Matilde – foram dedicadas artistas. Maria Celina (1856-1929) publicou,

nada nas suas viagens com os dispensários ou lactários no apoio às crianças, deixa em testamento o n.º 29 da Rua da Mouraria para a instalação de um no Funchal. Maria das Dores (1865-1941) e Matilde (1877-1951) dedicaram-se principalmente à música. A última ficou conhecida

também pelas artes cénicas, levando ao palco do Teatro várias obras. Durante a visita de D. Carlos e D. Amélia, em 1901, estreou a opereta *Dois Dias em Paris*, a comédia *Morto à Força*. Cultas e cosmopolitas, deixaram uma marca indelével nas artes insulares.

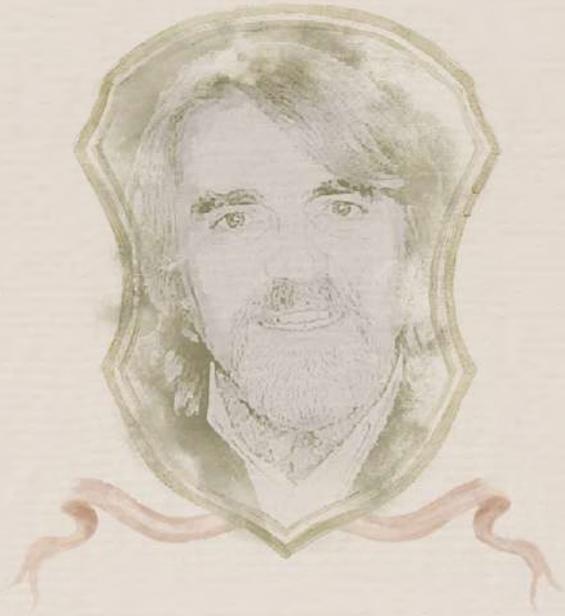


CITAÇÃO

“
*Como podemos avaliar
o nosso país, se nunca
vimos outros?!..
Nunca a Madeira me
pareceu tão linda como
quando ali regresssei depois
da minha primeira
viagem, voltando dos
Pirenéus, da Suíça,
dos Alpes!!
Descobri então na minha
ilha belezas que nunca
tinha notado.
E não vale a pena partir
para voltar?!*”

*Diário de Nápoles a Jerusalém
(Diário de Viagem), org. e estudos
Ana Cristina Trindade e Luísa
Paolinelli, Viseu, Ed. Esgotadas,
2021, p. 25.*

24. MUSEU DE FOTOGRAFIA
DA MADEIRA



JOSÉ ANTÓNIO
GONÇALVES

(1954 - 2005)

BIOGRAFIA

Natural de São Martinho, onde nasceu em 1954, foi co-fundador (1989) e presidente da Associação de Escritores da Madeira. Jornalista profissional desde 1971, no *Jornal da Madeira*, foi co-fundador e dirigente da secção regional do Sindicato dos Jornalistas na Região e da Associação dos Jornalistas da Madeira. Em 1973, integrou o *Caderno de Poesia & Crítica Movimento* (número único, org. A. J. Vieira de Freitas), com António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Pedro Támen e José Agostinho Baptista, entre outros. Dirigiu nos anos 70 a página literária *Poesia 2000* no *Jornal da Madeira* e, em 1993, o “Suplemento Cultura”, no *Notícias da Madeira*. Fundou e dirigiu várias coleções literárias, com realce para o *Movimento ILHA*, os *Cadernos Ilha, Prosas da Ilha, A*

Memória das Palavras, Livros de Cordel (incluindo poetas da Ilha e do Continente, como Ernesto Rodrigues, José Viale Moutinho, David Pinto Correia e António Ramos Rosa), *Terra à Vista e Arguim*. Como elemento do *Movimento Ilha*, e na companhia de outros jovens poetas madeirenses, integrou uma coletânea da nova poesia madeirense que foi lançada por Maria Aurora Homem no então Pátio das Artes, hoje Museu de Fotografia da Madeira. A sua vasta obra inclui crónicas e poesia, como *Aventura na Casa dos Livros* (2000) e *Esquivas são as Aves* (2002). Recebeu diversos reconhecimentos, do qual se destaca o Galardão de Mérito Cultural, do Governo Regional da Madeira, pela obra desenvolvida na Região, em 1994.



CITAÇÃO

“
*Para falar
 de uma ilha não há
 um nome único. é preciso
 dizer casas
 e telhados, um cemitério
 ao fundo
 onde algures a água
 pode chegar
 - essa água sempre
 girando à volta
 dos olhos dessa
 mesma gente
 abatendo o pó das
 mesmas ruas*”

*“Pensar um nome” in
 A Crista de Neptuno,
 Ilha, 2, CMF, 1979.*

25. LARGO DO COLÉGIO



BIOGRAFIA



HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

(1901 - 1983)

Horácio de Ornelas Bento de Gouveia era natural da freguesia de Ponta Delgada, concelho de S. Vicente, onde nasceu a 5 de setembro de 1901, e onde estudou até aos 16 anos. Depois disso, veio para o Funchal, a fim de completar o ensino liceal, tendo já no seu currículo o lançamento de dois jornais: *O Norte*, ainda do tempo que estava na Ponta Delgada, e *O Torpedo*, publicado depois da vinda para a cidade, aos quais em breve se veio juntar a colaboração noutros periódicos, nomeadamente *O Desporto*, *O Radical*, *o Correio da Madeira* e *o Diário da Madeira*. Em 1923, vai para Lisboa estudar Ciências Histórico-Filosóficas, mantendo sempre a ligação com os jornais madeirenses a que acrescentou a colaboração com o *Diário de Notícias* e *Notícias de Fafe*. Licenciado em 1928, tornou-se professor de liceu, mantendo sempre relação estreita com a imprensa escrita. Em 1933, publica o primeiro livro – *Páginas de Jornalismo*, que reunia diversos artigos

seus saídos em vários periódicos, e onde é já possível identificar alguns dos seus temas preferidos – a etnografia, a ruralidade e a cultura. Em 1943, foi colocado no Liceu do Funchal, o que lhe permitiu o regresso à terra, não interrompendo o seu trabalho de escritor, uma vez que continuou a publicar: *Ilhéus*, o primeiro romance, em 1949 – mais tarde republicado com o título *A Canga* – seguido, dez anos

depois, pela obra *Lágrimas correndo mundo*. A década de 1960 viu intensificar-se o seu lado jornalístico e também a publicação de um terceiro romance – *Águas Mansas*. A sua bibliografia ainda se enriqueceu com *Canhinhos da Ilha* (1966), *Alma Negra e outras Almas* (1972) e *Torna-Viagem* (1979). Falecido em 1983, *Luísa Marta – ficção e memória* teve como publicação póstuma.



CITAÇÃO

“
No Largo do Colégio, um vulto de homem colava-se ao tronco rotundo e maciço de uma das velhas árvores copadas que aformoseavam o recinto. Quanto ao mais, não se lobrigava vivalma em parte alguma. Fletiram por a rua de João Tavira, e enviesaram os olhos para a vitrina da loja do Talassa que ostentava pastores de barro e um minúsculo presépio para o Natal. E prosseguindo no passeio a esmo obliquaram para a rua do Aljube e, por fim, internaram-se na rua dos Medinas.

– *Para onde vamos, José?*

– *Visitar uma casa de mulheres.*

Precisas conhecer estes escaninhos da cidade.

”

Horácio Bento Gouveia, Canga/Ilhéus, Coimbra, Coimbra Ed., 1949.

26. RUA DAS MERCÊS



ALFREDO DE
FREITAS BRANCO,
VISCONDE DO
PORTO DA CRUZ

(1890 - 1962)



BIOGRAFIA

Natural do Funchal, esteve ao serviço da Alemanha Nazi, com se notabilizou pelos estudos etnográficos e de literatura. Escreveu diversos romances, como *O Destino: Romance Histórico* (1915) e *Anna Clara* (1916). Monárquico, participou, a partir da Galiza, nas incursões de 1911-1912, comandadas por Henrique de Paiva Couceiro, de que dá conta em *No Exílio: Scenas da Vida dos Conspiradores Monárquicos* (1917). Durante a II Grande Guerra, esteve ao serviço da Alemanha Nazi, com uma emissão em português na Rádio Berlim. Deste período, deixou como testemunho diversas obras de que *Como Vi o Fim da Guerra na Alemanha* (1946) é exemplo. Foi diretor da *Revista Portuguesa* e assíduo colaborador na imprensa e rádio. O interesse pela literatura na Madeira levou-o a publicar *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, em três volumes.



CITAÇÃO

“
 Para as classes
 abastadas e para os
 Estrangeiros nunca
 faltam os torneios
 de ténis, os desafios
 de «football», as
 diversões no mar,
 as mil variantes do
 sport, além dos bailes,
 que trazem já fama
 de deslumbrantes, e
 das reuniões, onde a
 sociedade se encontra,
 já nos Casinos e

*nos Hotéis já nas
 vivendas particulares,
 no Teatro ou nos
 Cinemas.*

*Do permanente
 contágio com os
 grandes centros
 de civilização,
 resultam no Funchal
 uma elegância, um
 luxo, uma alma
 originalmente
 complexa, uma
 sociedade muito
 particular misto de
 velhas tradições
 e de novíssimas
 influências. ”*

*“Cidade do Funchal” in
 Ilustração Madeirense,
 Outubro, N.º 2, pp.5-6.*

27. RUA DAS MERCÊS

ANTÓNIO VELOSO
DE LIRA

(1616 - 1691)

BIOGRAFIA

Nascido numa famí-
lia abastada da Calhe-
ta, fez na Ilha os seus
primeiros estudos,
seguindo depois para
Salamanca, onde se
encontrava em 1640,
ano em que Portu-
gal recuperou a sua
soberania, depois da
União Ibérica. An-
tónio Veloso de Lira
sentiu tão efusivamen-
te este acontecimento
que lhe veio a dedicar
a sua obra principal:
*Espelho de Lusitanos
em o Cristal do Psalmo
Quarenta e Três, Cuja*

*Vista em Summa, re-
presenta Este Reyno em
Três Estados. O primei-
ro desde seus princípios,
com todas as felicidades
e grandezas até à morte
Del Rey D. Joam tercei-
ro. O segundo as cala-
midades e infortúnios
começados em El Rey D.
Sebastião, e continua-
dos por todo o governo
castelhano. O terceiro
estuda as maravilhas
obradas por Deus em a
feliz aclamação e res-
tauracção del Rey Nosso
senhor D. Joam quarto
com os mais raros casos*

nella sucedidos, asi em este Reyno como em Castella, etc., título tão pesado que levou Camilo Castelo Branco a desejar que lhe fosse “mais leve a terra que o título do seu livro imortal”. O teor do texto não pretende respeitar a verdade histórica, mas antes defender uma origem e história míticas de Portugal e dos portugueses, que apresenta como povo escolhido por Deus. Terminada a formação em Coimbra, o clérigo volta para a Madeira, onde se veio a tornar cónego magistral da Sé e membro de um triunvirato a que o bispo do Funchal, D. José de Santa Maria, entregou o governo da diocese.



CITAÇÃO

“
*Em o primeiro
descobrimento deste reino,
como foi o da ilha da*

*Resolutos em tornar-se,
havendo já três dias que ali
estavam, no fim dos quais o
grande Capitão invocando
o nome de Maria, cujo dia
era, e em que ao Batista
visitara, sendo o primeiro
Argonauta o famoso João
Gonçalves Zarco, chegando
à vista dela era tão grande
a névoa, que das muitas
águas e árvores havia, que
lhes parecia voragem do
Inferno ouvindo os rancos
do mar com tanto fumo,
corrida a cortina estupenda
lhe mostrou o jardim de
mais deleites que tinha a
Natureza fabricado.*”

*Espelho de Lusitanos, Lisboa,
Paulo Crasbeeck, 1643,
pp. 66-67.*

28. CALÇADA DE
SANTA CLARA

BIOGRAFIA

JOÃO DOS
REIS GOMES

(1869 - 1950)

João dos Reis Gomes foi um oficial do exército, da arma de artilharia, tendo também concluído o curso de engenharia industrial numa instituição militar, a Escola Superior Politécnica do Exército. Foi ainda professor, escritor, romancista histórico, crítico literário e autor de livros mais técnicos, nas áreas da música, indústria, arte e até psicologia. A sua produção literária iniciou-se em 1907, ano em que escreve *Histórias Simples*, a que se seguiram *Damas* (1909) e *Guio-mar Teixeira*, duas peças de teatro, sendo a última apresentada ao público em 1912, no Teatro Municipal do Funchal. Vieram depois diários de viagem – *Através da França, Suíça e Itália* (1928), *Três Capitais de Espanha: Burgos, Toledo e Sevilha* (1931) –, voltando ao tema em 1947, com a obra *Através da Alemanha*. Dedicou-se, igualmente, ao romance histórico, género a que pertencem *O Anel do Imperador* (1934), *O Cavaleiro de Santa Catarina* (1947)

e *Loreley* (1948). Publicou diversos livros técnicos, como *Casas Madeirenses*, em que contou com a colaboração do arquiteto Edmundo Tavares, para além de estudos sobre o *Vinho da Madeira – Como se prepara um néctar* (1937) ou *Casos de Tecnologia* (1943). O Major Reis Gomes dedicou-se também à imprensa, quer como diretor de periódicos, como o *Heraldo da Madeira* e o *Diário da Madeira*, quer como colaborador do *O Século*, *O Dia* e a revista *Serões*.



CITAÇÃO

“
Uma das ruas madeirenses que mais pitoresco e interesse regional nos oferece e que ao forasteiro sempre agrada – embora não seja, dos naturais, grandemente percorrida – é a Calçada de Santa Clara. Esta artéria, inclinada e sinuosa,

ladeada por prédios, uns modestos, outros de certa sumptuosidade, permitindo à vista descobrir, agora, umas janelas cobertas de folhagem, outras totalmente floridas; mais acima, uma casa com jardim exterior, deitando os seus cachos de glicínias sobre a rua; aqui, um portão solarengo que abre para um arruamento ajardinado; além, o muro do convento clarista que já começa a cobrir-se com trepadeiras e em breve estenderá aos nossos olhos a sua cascata de verduras; e, no topo, um alto edifício com varanda em que avultam vasos com plantas, e onde a mesma nota de vegetação e de cor poderia tornar-se ainda mais viva – esta rampa é, dentro da cidade, um dos seus trechos verdadeiramente interessantes, com carácter pitoresco.”

Casas Madeirenses, Funchal, CMF, 1943, p. 53.

29. CALÇADA DE SANTA CLARA (ALTO DA)



ELLEN MARIA TAYLOR

(1832 - c.1907)



BIOGRAFIA

Nascida na Madeira a 2 de julho de 1832, viaja para o Reino Unido com o pai, o comerciante James Taylor. Sabe-se que visita a Ilha pelo menos numa ocasião, em 1880, tendo aqui ficado durante um ano hospedada no Hotel Santa Clara. Publicou, em Londres, *Madeira: Its Scenery, and how*

to See it; with Letters of a Year's Residence, and Lists of the Trees, Flowers, Ferns, and Seaweeds (1882), livro valioso no qual oferece vasta informação sobre a Ilha no que toca aos costumes, história local e quotidiano social, incluindo um pequeno glossário de termos portugueses.



CITAÇÃO

“
*No Hotel de
 Santa Clara, os
 longos lanços de
 escada são evitadas
 por o próprio hotel
 estar situado
 de encontro a um
 rochedo quase
 perpendicular que
 permite numerosas
 entradas da*

*rua em vários
 níveis. Também tem
 a vantagem de estar
 longe de qualquer
 grande edifício e
 embora no Funchal,
 visto este local ser
 parte da cidade,
 não o é, todavia na
 elevação, pois fica
 num plano superior
 sobre uma colina
 íngreme, que é a
 primeira que existe
 na cidade. ”*

*Madeira: Its Scenery,
 and how to See it,
 Londres, Edward
 Stanford, 1881.*

30. RUA DO TORREÃO



BIOGRAFIA



MARIA DO CARMO RODRIGUES

(1924 - 2014)

Nascida no Funchal, Maria do Carmo Leite Monteiro, que passaria a assinar Maria do Carmo Rodrigues, depois do seu casamento com José Manuel da Silva Rodrigues, cedo demonstrou uma natural vocação para a escrita, que começou com a produção de pequenas obras teatrais que representava para a família. Aos 17 anos, já aluna do Liceu do Funchal, escreveu uma composição que impressionou o seu professor e futuro diretor do *Diário de Notícias*, Feliciano Soares, que se empenhou na sua publicação no suplemento especial de Natal de *O Jornal*. Por não querer usar o nome próprio, Maria do Carmo escolheu o pseudónimo Suzana Pobre, que continuou a usar para assinar os textos que escreveu até se casar, altura em que optou definitivamente pelo nome de Maria do Carmo Rodrigues. Depois de uma colaboração regular no suplemento infantil do *Comércio do Porto*, a escritora publica o primeiro livro infantil, *Dona Trabucha*, a

costureira bucha, obra em que defendia já a aceitação da diferença e que nasceu de um desafio lançado por J. Cabral do Nascimento. Entre 1969 e 1971, dirigiu o suplemento infantil *A Canoa*, de *O Eco do Funchal*, propriedade de Maria de Mendonça. Maria do Carmo Rodrigues distinguiu-se ainda pela colaboração em projetos de caráter social e educativo, de que são exemplos a representação madeirense da Cooperativa Ludos – o primeiro A T L do Funchal, frequentado por 80 crianças, e a direção do Centro Polivalente do Funchal. O Comité Português para a UNICEF, o Instituto de Apoio à Criança e a Associação Crianças sem Fronteiras tiveram nela um dos elementos fundadores. Entre 1974 e 1977, presidiu à Comissão Distrital de Assistência no Funchal, e nessas funções tornou-se responsável pela criação da creche e jardim-de-infância do Auxílio Maternal, bem como pela adaptação de duas casas para a terceira idade. Galardoada com a medalha de Mérito Cultural em 1992 e pela Academia Brasileira de Letras, em 2011, Maria do Carmo Rodrigues viria a falecer aos 90 anos, nos Prazeres.



CITAÇÃO

“
Rosalina vivia na ilha da Madeira, numa ruazinha estreita e íngreme do Funchal. Pequeninina a casa, caiada de branco, barras encarnadas em volta das janelas. Encarnadas como a saia da Rosalina. E tinha um jardim.

Muitos dos colegas de Rosalina falavam de quintas onde passavam os fins de semana, as férias do verão.

– *A tua quinta está aqui, Rosita. Vives todo o ano numa quinta...*”

Camélias Brancas, Funchal, Ilhatur, 1980.

31. RUA DO VALE
FORMOSOHELENA
MARQUES

(1935 - 2020)

BIOGRAFIA

Helena Maria Pe-
reira Gonçalves Mar-
ques foi jornalista e
escritora. Natural de
Carcavelos, veio para
a Madeira, de onde os
seus pais eram origi-
nários, ainda criança.
Em 1957, iniciou a sua
carreira de jornalista,
tendo, a partir de 1971,
trabalhado em Lisboa
em *A Capital*, *Jornal
do Comércio*, *República*,
A Luta, integrando
os quadros do *Diário
de Notícias* em 1978.
Recebe, em 1986, o
Prémio Jornalista do
Ano da revista *Mulhe-
res*. Na Madeira, exer-
ceu ainda a função de
professora do ensino
secundário particular.
O seu primeiro ro-
manço, *O Último Cais*,
recebeu várias distin-
ções: Prémio Revista
Ler/Círculo de Leito-
res, Grande Prémio do
Romance e da Novela
da Associação Portu-
guesa de Escritores
e prémio Bordalo de
Literatura da Casa
da Imprensa. Publi-
cou também *A Deusa
Sentada* (1998), *Os Íbis
Vermelhos da Guiana*
(2002), *Ilhas Contadas*

(2007) e *O Bazar Alemão* (2010). Em 2001, foi agraciada com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.



CITAÇÃO

“
A casa do Vale Formoso foi preparada a preceito, [...] Durante dias a fio, Margarida chegara manhã cedo ao Vale Formoso para orientar os preparativos com energia e entusiasmo. Os jarrões da Companhia das Índias encheram-se de ramos de ameixieira em flor; um desperdício, pensara indignado o caseiro da Quinta das Tílias, fazendo contas aos centos de ameixas por nascer [...].

Quando o cortejo chega por fim, Ludovina acaba de fazer uma última

inspeção à casa, a refeição está servida na grande sala de jantar, seria impossível sentar todos à mesa, optou-se por um fufete, dezenas de travessas cobrem a longa toalha de damasco entre taças de flores e candelabros de prata, vieram lagostas do Porto do Moniz, perdizes da Serra de Água e doçaria da Confeitaria Felisberta. Ludovina assou perus com recheio doce, segundo uma preciosa e inimitável receita de família, e um enorme, um sublime toucinho-do-céu fora portador dos carinhosos votos das freiras de Santa Clara. As louças, os talheres e os cristais alinham-se sobre o ‘sideboard’, longo de três metros, que ocupa a parede do fundo, sob uma tapeçaria oriental trazida de malta no século XVIII.”

O Último Cais, Lisboa, Dom Quixote, 1993, p. 135.

32. QUINTA DO VALE FORMOSO



BIOGRAFIA



ANNA BRASSEY

(1839 - 1887)

A baronesa Anna *Meteor*, em que conta as viagens que fez pelo Mediterrâneo, e *A Voyage in the Eothen*, no qual descreve as suas deslocações ao Canadá e aos Estados Unidos em 1872. As viagens que fez após 1877 foram também objeto de escrita e publicou *Sunshine and Storm in the East* (1880) e *In the Trades, the Tropics, and the Roaring Forties* (1885), à qual pertence descrição abaixo da Quinta do Vale Formoso, então residência do Dr. Grabham. A

autora dá atenção aos particulares etnográficos e naturalísticos nas suas obras, tendo, ao longo das várias viagens, recolhido vários objetos que foram inicialmente expostos na sua casa em Londres, para serem depois transferidos para o Hastings Museum em

1919. *The Last Voyage, to India and Australia, in the "Sunbeam"* (1889) foi publicado depois da sua morte. O "Lady Annie Brassey Photograph Collection", na The Huntington Library, contém várias fotografias da Madeira.



CITAÇÃO

“
À tarde fizemos a nossa primeira expedição: alguns do grupo caminhando, alguns em redes, as últimos levadas por carregadores no traje usual de camisa branca e calças, chapéus de marinheiro

com fitas alegres e lenços no pescoço, para ver o nosso velho amigo, Dr. Grabbam, o único médico inglês aqui, um homem muito talentoso, cheio de informações sobre todos os assuntos possíveis. O seu jardim contém uma interessante coleção de plantas e árvores, todas as quais ele nos mostrou, algumas das quais me atraíram particularmente a atenção (...)

Não menos importante entre as atrações deste jardim encantador são as vistas gloriosas que ele oferece sobre a baía em baixo, na qual podemos agora ver o 'Duntrune', o 'Red Jacket' e outros navios ancorados, como se numa foto, emoldurada pelos galbos do esplêndido velho tulipeiro, plantado pelo capitão Cook. ”

In the trades, the tropics, & the roaring forties, H. Holt & Company, 1885, p. 28.

33. QUINTA PALMEIRA



**MARIA
LAMAS**

(1893 - 1983)



BIOGRAFIA

Nascida a 6 de outubro de 1893 em Torres Novas, no seio de uma família burguesa, católica e republicana, Maria Lamas veio a tornar-se uma das grandes lutadoras portuguesas pela defesa dos direitos das Mulheres, bem como uma das primeiras jornalistas profissionais. Esta luta pela liberdade feminina, que inscrevia no âmbito maior da

defesa dos direitos humanos, fê-la inscrever-se no Movimento Democrático Nacional e depois no Movimento de Unidade Democrática. Presa pela ditadura, exilou-se em Paris, vivendo sempre da escrita que praticou em diversas modalidades: poemas, crónicas, novelas, estudos e traduções. É autora, entre muitas outras, das obras *As mulheres do*

meu país (1950) e *Mulheres do mundo* (1952), *Quintas da Madeira e Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*. Depois do 25 de abril de 1974, militou no Partido Comunista Português, foi distinguida com o grau de Oficial da Ordem da Liberdade e homenageada pela Assembleia da República. Faleceu em Lisboa, a 6 de dezembro de 1983.



CITAÇÃO

“
*Tudo quanto constitui a
 feição peculiar às quintas
 da Madeira aparece nesta
 quinta, primorosamente
 tratada: exuberância,*

*variedade e colorido
 das flores; trepadeiras
 e trepadeiras, dos mais
 diversos matizes, a
 revestir paredes e a
 engrinaldar rochedos;
 o empedrado do chão; as
 escadinhas suaves, mais
 ondulação que degraus;
 as palmeiras, entre
 as quais aquela, mais
 imponente, que lhe dá o
 nome; árvores tropicais
 - oh ! a “árvore de fogo”,
 rara, viçosa e enorme,
 a arder nas suas flores
 escarlates!*”

*Arquipélago da Madeira
 – Maravilha Atlântica,
 Funchal, Eco do
 Funchal, 1956.*

34. QUINTA DO MONTE

BIOGRAFIA



AGUSTINA BESSA-LUÍS

(1922 - 2019)

Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa-Luís nasceu em Vila Meã, perto de Amarante. Descendente de uma família de raízes rurais, a sua infância e adolescência são passadas na região de Entre Douro e Minho. Fixou-se no Porto, onde residiu e faleceu. Com 26 anos, em 1948, estreia-se na literatura com o romance *Mundo Fechado*, a que se seguirá o seu segundo romance, *Os Super-Homens* (1949). Escreverá ao longo da vida mais de meia centena de obras, que, pela sua qualidade e aplauso da crítica, lhe darão lugar cimeiro nas letras portuguesas. *A Sibila*, de 1954, é considerada uma das mais importantes representantes da narrativa contemporânea. Recebeu as mais altas distinções culturais, académicas e nacionais em Portugal, no Brasil, Itália e França, tendo sido agraciada com o Prémio Camões em 2004. O romance *A Corte do Norte* (1986) situa-se

na Madeira e a escritora passou dois meses no Funchal em visita preparativa, hospedando-se na residência oficial do presidente do governo regional da Madeira, seu anfitrião. O romance foi adaptado ao cinema por João Botelho em 2008.



CITAÇÃO

“
*João de Barros
 não se deu ao trabalho
 de alterar a fisionomia
 da casa, que sempre
 amara tal como era*

*e cuja vista
 primitiva tinha
 sido pintada por
 um habilidoso, com
 as árvores recém-
 -plantadas deixando a
 descoberto a mansão,
 como um pudim em
 gomos de gelatina.
 A impressão de que
 a casa tinha algo de
 comestível, como as
 peças armadas dos
 doceiros, ficara-lhe
 desde criança.*”

*A Corte do Norte,
 Lisboa, Guimarães,
 1996, p. 154.*

35. TERREIRO DA LUTA



BIOGRAFIA



CARLOS MARTINS

(1909 - 1985)

Carlos de Freitas Martins nasceu na freguesia da Sé em 1909, filho de um rico comerciante do Funchal. A sua educação a partir dos 12 anos foi feita no Colégio Vasco da Gama, no continente, em Londres, Manchester e Berlim. Antes de regressar à Madeira, em 1926, fez uma volta ao mundo. A vida na Ilha pareceu-lhe aborrecida e acabou por rumar a Angola, onde encontrará a primeira das suas cinco mulheres, a filha de um abastado proprietário. Acabará por se divorciar e retoma uma vida aventureira feita de diversas profissões, amores e episódios rocambolescos. É preso no Funchal e mandado para o exílio na Ilha da Trindade por ter avançado com o cavalo contra oficiais e marinheiros alemães que estavam, segundo ele, a ofender os portugueses. Nas últimas décadas da sua vida, retirou-se para a

Quinta Monteverde, teve adaptação radiofónica, e deixou vários romances publicados, como *As Figuras de Proa do 'Marco-Wanda'* (1978), baseado na figura do amigo Humberto Passos Freitas e no naufrágio de que foi vítima. Editou *Madeira - Mar de Nuvens* (1945), que



CITAÇÃO

“
*O automóvel de Fernando,
 graças à sua força motriz,
 subia rapidamente as
 montanhas, razão por que,
 em pouco tempo,*

*chegaram ao Terreiro
 da Luta.*

*No largo da Esplanada,
 presenciava-se crescente
 afluência de turistas, aos
 quais, filhos de camponeses
 que habitavam em casais
 próximos, ofereciam ramos
 de flores em troca de moedas
 que aqueles lhes davam.*

*Fernando arrumou o
 carro em lugar seguro, e
 foi mostrar ao seu amigo
 o panorama que se
 desfrutava da varanda
 do restaurante.*

”

*Madeira - Mar de Nuvens,
 1972, p. 11.*

36. QUINTA DE
SÃO ROQUE

LUZIA

(1875 - 1945)



BIOGRAFIA



Autora de nove livros publicados, entre os quais se contam *Rindo e Chorando, Os que se divertem, Cartas do Campo e da Cidade ou Almas e Terras por onde passei*, e muitos outros contos e inéditos, Luísa Susana de Freitas Lomelino é uma das mais importantes escritoras da primeira metade do

séc. XX. Nascida em Portalegre em 1875, veio ainda bebé para a quinta dos avós maternos, nas Cruzes. Viveu grande parte da sua vida na Ilha, fazendo dela inspiração para a sua obra literária. Infeliz no casamento, divorciou-se de Francisco João de Vasconcelos, do morgadio do Jardim do

Mar. A vida da alta sociedade portuguesa e as frequentes viagens a França proporcionaram-lhe uma inesgotável fonte de inspiração para a sua crítica social acutilante. Morreu na Quinta Carlos Alberto, no Funchal, em 1945.



CITAÇÃO

“
Enfim, depois de tantos dias de chuva, uma linda tarde! Mas quando não faz bom tempo no nosso coração, de que servem os sorrisos do sol?
Há pouco, em S. Roque,

*parecia-me que a terra me estendia os seus braços floridos, não para me prenderem à vida, mas para, muito docemente, me deitarem e adormecerem, no grande sono de que se não acorda mais...
 Que linda é aquela Quinta de S. Roque!
 E, não sei porquê, sempre que ali vou, apodera-se da minha alma, uma tristeza, um cansaço, uma necessidade de paz!*

”

Diário - Pelos Caminhos da Vida, 1946.

37. TRAPICHE

ANTÓNIO
NOBRE

(1867 - 1900)

BIOGRAFIA

António Pereira Nobre, mais conhecido como António Nobre, foi um singular poeta português, natural do Porto. Depois de completada educação liceal rumou a Coimbra onde se matriculou em Direito, curso que não concluiu, mudou-se em 1890 para Paris onde se licenciou em Ciências Políticas pela Sorbonne, em 1895. Antes de concluído o curso, porém, já em 1892, António Nobre publicara a obra que tornou notável – *Só*. Este livro reflete o seu temperamento eivado de nostalgia, sentimentos que se encontram também noutros poemas do mesmo autor. Não obstante ter recebido algumas críticas provocadas sobretudo pela rutura que representava com a sua contemporaneidade, veio a tornar-se, em conjunto com Cesário Verde, Guerra Junqueiro e Antero de Quental, por exemplo, um dos vultos maiores do Modernismo português.

Depois de terminados os estudos, António Nobre regressa a Portugal e tenta, sem sucesso, ingressar na

carreira diplomática. A tuberculose, doença que o atormentou o resto da sua vida e foi a causa da morte, manifestou-se e tornou-se o centro das suas preocupações. Dela procurou alívio na Suíça, em Nova Iorque, nos arredores de Lisboa e também na Madeira, para onde veio em 1898, e na qual ficou por 18 meses. A sua presença na Ilha provocou, por um lado, um certo alvoroço, e por outro, uma surpresa no autor, pois, em carta para um amigo, dizia não se saber tão célebre. Cedo se ligou aos mais altos círculos da sociedade insular, sendo presença frequente em S. Lourenço, no

palácio do governador, com quem ia tomar chá, visitando também o bispo da diocese. No Funchal o poeta hospedou-se primeiro na Quinta Vitória Hotel, mudando-se depois para uma casinha humilde, na Zona alta de Santo António, na qual escreveu alguns dos versos que produziu na Madeira, nomeadamente sobre Joana Abudarham, acompanhados de outros dedicados às meninas madeirenses. Manterve-se em Santo António até decidir que o clima da ilha lhe era prejudicial, pelo que regressou a Lisboa, vindo a falecer em breve, no norte do país.



CITAÇÃO

“
*São as Meninas da Ilha da Madeira
 Ternas, graciosas, pálidas, ideais.
 Fica- se doído, vendo-se a primeira,
 Doído se fica se se vêem as mais,
 Qual é a mais bela da Ilha da Madeira,
 Se são todas iguais?...*
*Esta ilha é Portugal, mesma é a bandeira,
 Morrer nesta ilha não deve custar,
 Mas para mim sempre é terra estrangeira.
 À minha pátria quero, enfim, voltar.
 Ilhas amadas! Céu cheio de luas!
 Ah como é triste andar por essas ruas,
 Pálido, de olhos grandes, a tossir!
 Eu vou-me embora, adeus!
 Mas volto a vê-las,
 Vou com as ondas, voltarei com elas,
 Mas com elas, p'ra tornar a ir!*”

*Apud Rui Nepomuceno, A Madeira vista por
 escritores portugueses, Funchal, 2014, p. 116.*

38. PICO DOS BARCELOS



BIOGRAFIA



RAÚL BRANDÃO

(1867 - 1930)

Nascido no Porto, em 1897, Raul Brandão frequentou o curso de Letras da Universidade de Coimbra, mas, por influência da família, acabaria por enveredar pela carreira militar. As letras continuariam a ser a sua grande paixão, tendo colaborado em jornais e revistas e publicado narrativa, impressões de viagem, peças de teatro e ensaios históricos, entre os quais se podem destacar: *Impressões e Paisagens* (1890); *A Farsa* (1903); *Os Pobres* (1906); *Húmus* (1917); *Memórias* (1919-1933); *Os Pescadores* (1923); *O Gebo e a Sombra*, *O Rei Imaginário*, *O Doido e a Morte* (1923); *As Ilhas Desconhecidas* (1926); *O Avejão* (1929); *Pobre de Pedir* (1931). No livro de viagens *As Ilhas Desconhecidas*, narra a viagem que fez aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, descrevendo a paisagem, mas também a condição insular. A par do deslumbre que sente perante a paisagem madeirense, Brandão mostra-se sensível à

vida difícil que marca o quotidiano dos homens, fazendo uma espécie de reportagem analítica da realidade.



CITAÇÕES

“
Corro tudo no primeiro momento as vielas animadas, as ruazinhas calçadas de seixos ensebados, onde deslizam carros de bois sem rodas, pintados de amarelo, com toldos frescos e cortinas de ramagem apartadas ao meio. Olho para as casas brancas e amarelas, de beirais caiados de vermelho e gelosias pintadas de verde, que dão ao Funchal um carácter familiar e íntimo. Tudo me surpreende: o calor, a luz forte, o jardim com fetos e um grande jacarandá de flores roxas [...].”

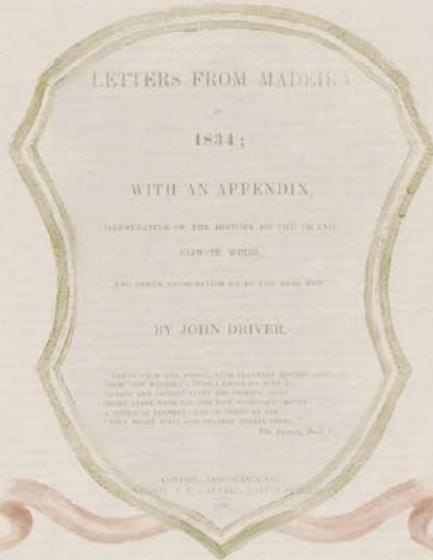
As Ilhas Desconhecidas, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987, p. 153.

“
Mas para ver a cidade e os subúrbios em conjunto sobe-se ao Pico de Barcelos. À medida que me afasto do centro vão aparecendo casinhas isoladas entre jardins, e as largas folhas das bananeiras, ainda em botão roxo ou donde pende já todo o regime amadurecido. Lá do alto descobre-se enfim o majestoso anfiteatro. É uma grande concha, que termina dum lado no Pico do Garajau e do outro na Ponta de Santa Cruz, com o fundo de serra ondulado. Os vales e as linhas dos talvegues vêm de cima rasgados pelos enxurros sobre um leito de pedras em estilhaços, escorregadias e azuladas. [...]
Tudo que se avista, à exceção dos cumes denegridos, foi dividido em hortas, em poios de cana muito verdes, em quintalejos de rama, donde irrompem tufos de bananeira, numa amplidão que entontece e deslumbra.”

As Ilhas Desconhecidas, idem, p. 154.

39. BAIRRO DA NAZARÉ

BIOGRAFIA

JOHN
DRIVER

(c.1809- c.1859)

Com toda a probabilidade, John Driver foi o destinatário de uma série de cartas que Charlotte Brontë escreveu, ora no sentido de lhe pedir ajuda para encontrar um emprego para o irmão Branwell Brontë, ora para lhe agradecer os contactos com a *Literary Fund Society*, da qual deveria ser membro. Natural de Liverpool e filho mais novo de James Driver, foi batizado em 1809. Em 1835, sabe-se que tinha uma companhia de comércio de vinhos, a “John Driver & Co”, em Liverpool, na Chapel Street, n.º 22, e de 1837 a 1843 os escritórios estavam situados na Exchange Alley, 4. Casou em 1835 com Sarah, filha de James Carter Esq., de Foxholes, perto de Lancaster. A residência privada de John e do irmão William situava-se na South Seacombe Terrace, local que é mencionado no prefácio às suas *Letters from Madeira in 1834*, publicadas em 1838.

Pensa-se que escreveria para o jornal de Liverpool, tendo sido ele a levantar a hipótese de que Shirley, assina-

do C.B. fosse, de facto, a escritora Charlotte Brontë. Terá falecido antes de 1859.



CITAÇÃO

“

As corridas de cavalos foram, nos últimos anos, estendidas a todas as partes do continente, bem como às Índias Orientais e Ocidentais; e a Madeira agora orgulha dos seus cavalos favoritos e eventos anuais. O Hipódromo fica junto à costa, perto da estrada para Câmara de Lobos, e a cerca de três milhas da cidade. [...] Na manhã das corridas, é tudo alegria na cidade, [...].

Montámos os nossos póneis; saímos da Carreira às doze horas; e logo estávamos na estrada que conduzia à pista, que apresentava uma cena muito singular, particularmente nas passagens estreitas, onde póneis, redes, palanquins e pedestres pareciam como uma só massa. No Hipódromo tudo tinha um ar ainda mais alegre, tendo os palanquins trazido uma exibição da moda das damas portuguesas e inglesas, que davam um brilho a uma assembleia provavelmente nunca antes igualada na Madeira. ”

Letters from Madeira in 1834: with an appendix, illustrative of the history of the island, climate, wines, and other information up to the year 1838, London, Longman & Co., 1838, pp. 49-50.

FICHA TÉCNICA

NOME

Roteiro Literário do Funchal

TEXTOS

Cristina Trindade
Luísa Antunes Paolinelli
Paulo Santos Pernetá

DESIGN

Sandra Baltazar

COORDENAÇÃO

Departamento de Cultura
e Departamento de Economia,
Turismo e Mercados

PROPRIEDADE

Câmara Municipal do Funchal

ANO DE PUBLICAÇÃO

2024



A vintage-style map of Funchal, Madeira, is the central focus. The map is rendered in a muted, earthy color palette with faint lines and text. It is surrounded by scattered pink rose petals and pieces of aged, yellowed paper with handwritten notes. A dark pen lies at the top left. The overall aesthetic is nostalgic and artistic.

**ROTEIRO
LITERÁRIO**
do Funchal

funchal.pt
MUNICÍPIO



visit.**funchal.pt**